

# Estruturas de tópico-comentário na fala reduzida de um sujeito afásico

(Topic-comment structures in an aphasic subject's reduced speech)

Lou-Ann Kleppa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Letras Vernáculas – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

loukleppa@yahoo.com

**Abstract:** The present study is developed within the field of Neurolinguistics from an enunciative-discursive perspective and the Adaptation Theory (subscribed by Kolk and colleagues). Here we discuss the word order observed in the reduced speech of NIC, who takes part on the weekly meetings of the aphasic group at UFSM. According to Adaptation Theory, agrammatic speech is the result of an adaptation strategy the subject adopts to bypass his linguistic difficulties. Then a simplified syntax emerges, which we call *reduced speech*. Syntactic structures in the canonical order (SVO) with a finite verb are thus not part of the reduced speech. In this study, we give relevance to the topic-comment structures identified in NIC's speech.

**Keywords:** agrammatism; reduced speech; fluency; topic-comment.

**Resumo:** O presente estudo está ancorado na Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva e na Teoria da Adaptação (desenvolvida por Kolk e colegas). O trabalho pretende discutir a ordem de palavras observada na fala reduzida de NIC, participante dos encontros semanais do grupo de convivência de sujeitos cérebro-lesados da UFSM. Segundo a Teoria da Adaptação, a fala agramática é resultado de uma estratégia de adaptação do sujeito às suas dificuldades linguísticas, fazendo emergir então uma sintaxe simplificada que aqui chamamos de *fala reduzida*. Estruturas sintáticas na ordem canônica (SVO) e com o verbo conjugado, portanto, não fazem parte da fala reduzida. Neste estudo, é dada relevância às construções de tópico-comentário identificadas na fala de NIC.

**Palavras-chave:** agramatismo; fala reduzida; fluência; tópico-comentário.

## Sobre a perspectiva enunciativo-discursiva

Esta pesquisa inscreve-se na área de neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva (ver COUDRY, 1996[1988]; MORATO, 2002), como é praticada no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), situado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Isso se dá porque tanto Elenir Fedosse, a coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC), situado na UFSM, como a autora deste artigo, que participa enquanto pesquisadora colaboradora das sessões do grupo, tiveram sua formação no IEL e no CCA.

Por ser peculiar, consideramos que a abordagem neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva precisa ser apresentada. Nesta perspectiva, *afasia* é entendida como sendo o resultado de uma lesão cerebral; causada por acidente vascular cerebral (AVC, ou derrame), traumatismo crânio-encefálico (TCE) ou tumor que comprometeu a linguagem de um sujeito falante em algum aspecto. Esta lesão afeta tanto a linguagem como o corpo do sujeito (hemiparesia). Sob a perspectiva enunciativo-discursiva que adotamos, a afasia é também vista como uma questão social, não apenas uma questão linguística:

Do ponto de vista da Neurologia, o afásico – aquele que tem ou exibe uma afasia – é um sobrevivente. A afasia implica ou impõe sempre outras formas de relação do sujeito com sua linguagem, com o outro, com o mundo. A afasia, desse modo, deixa de ser simplesmente uma questão linguística, uma questão cognitiva, uma questão de saúde; ela se torna uma questão social (Morato, 2000). (MORATO, 2010, p. 13-14)

Isso porque o sujeito afásico se movimenta na língua, no tempo e no espaço de maneira diferente do sujeito não-afásico, muitas vezes sofrendo preconceito em função de suas alterações de linguagem: familiares e amigos não têm certeza se foram compreendidos pelo sujeito afásico, não têm paciência para esperar que formule um enunciado, completam seus enunciados, adivinhando o que quer dizer, falam por ele. Se tratado dessa maneira, o sujeito afásico não é estimulado a fazer uso da linguagem verbal e assim reconstruir sua linguagem e subjetividade. Por fim, sob a abordagem da Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva, interessa investigar a relação do sujeito afásico com a linguagem e com a sua afasia (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009; NOVAES-PINTO, 2007; 2012a; 2012b).

A correlação entre cérebro e linguagem não é sistemática e universal, porque o cérebro humano é, como Luria (1981) formulou, um sistema funcional complexo capaz de mudar e se adaptar a influências do meio. Assim, acreditamos ser impossível traçar correspondências diretas entre locais do cérebro e comportamentos linguísticos.

A abordagem adotada aqui diferencia-se dos modelos correntes de afasia num aspecto fundamental: não toma a linguagem do sujeito afásico como evidência de (in) competência linguística, nem como objeto de conhecimento. Destarte, não avaliamos a linguagem dos sujeitos cérebro-lesados através de uma metodologia quantitativa centrada em testes (metalinguísticos, envolvendo a produção/ compreensão de palavras ou frases isoladas). Para detectar as dificuldades linguísticas de sujeitos afásicos, privilegamos a análise de contextos de comunicação verbal em que estejam envolvidos. Tomamos o enunciado, cuja fronteira é a fala do outro (BAKHTIN, 1997) como unidade de análise em investigações microgenéticas de episódios dialógicos.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 291)

Entendemos, como Bakhtin, que o sujeito afásico não está sozinho quando enuncia, mas que confia na atividade responsiva de seu interlocutor e que ambos, no processo de interação através da linguagem, constroem o diálogo. Nesse sentido, a noção de *acabamento* de Bakhtin (1997) se torna um conceito interessante para se analisarem episódios de fala produzidos no contexto dialógico:

O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o “*dixi*” conclusivo do locutor. É um acabamento totalmente específico e que pode ser determinado por meio de critérios particulares. (1997, p. 299)

E mais adiante: “a aptidão do enunciado para condicionar uma atitude responsiva ativa nos outros parceiros da comunicação” (BAKHTIN, 1997, p. 306).

Com base no pensamento bakhtiniano, entendemos que o sujeito afásico é um falante que, em função da lesão cerebral, teve sua linguagem afetada, mas não a sua disposição colaborativa para engajar-se num diálogo, atividade em que se dão trocas linguísticas. Nos dados apresentados aqui, observaremos a dinâmica dialógica.

### **Sobre o grupo em geral e NIC em específico**

As atividades desenvolvidas nas sessões do GIC, grupo de pesquisa e extensão com os sujeitos afásicos, envolvem a ação de linguistas, estudantes de Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Os participantes do grupo também são atendidos individualmente em Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, nas dependências da Clínica-Escola de Fonoaudiologia (SAF: Serviço de Atendimento Fonoaudiológico) e/ou na Clínica-Escola de Terapia Ocupacional. Todas as sextas-feiras o grupo se reúne (recentemente no SAF) por duas horas e meia numa roda, em que os fatos marcantes da semana são abordados e atividades diversas são desenvolvidas. A cada início de semestre, os sujeitos afásicos são envolvidos na escolha dessas atividades (música, passeio, cinema são exemplos de atividades propostas por eles). Afásicos e não-afásicos (os familiares dos sujeitos cérebro-lesados) interagem através da linguagem verbal e da expressão corporal. Assim, discutem assuntos da atualidade (notícias, viagens, estado de saúde), praticam jogos (de memória, coordenação motora, linguagem) e discutem questões de saúde (quando voltam de consultas médicas) e afasia (especialmente quando um novo membro se junta ao grupo). Sempre no último encontro do mês, os acompanhantes/ familiares são convidados a se reunirem com a psicóloga que acompanha o grupo. O grupo também se engaja em atividades de culinária e atividades ao ar livre, como, por exemplo, a festa junina e o planejamento de uma viagem pelo interior do estado. Todas estas atividades desenvolvidas no grupo não são terapêuticas, mas têm efeito terapêutico para os sujeitos afásicos.

NIC (64), o sujeito cuja fala é analisada aqui, foi vítima de dois AVCs isquêmicos (um em 2001, outro em 2009, depois do qual foi submetido a cirurgia de clipagem para evitar novos AVCs) diagnosticado com “fala telegráfica”, que chamaremos de *fala reduzida*. Em virtude da hemiparesia, NIC usa bengala para se locomover e está engajado no processo fisioterapêutico de abertura da mão direita. Antes da lesão, NIC exercia a profissão de topógrafo (aposentou-se em 1998). Chegou ao grupo e para atendimento com fonoaudióloga em 2008, queixando-se de incapacidade para ler e escrever. Interrompeu as atividades no grupo em 2009 e o atendimento fonoaudiológico por um ano para tratamento em Porto Alegre e depois voltou. A cada reinício, suas dificuldades eram ampliadas. No prontuário fonoaudiológico disponível no SAF de 2011 de NIC, consta a dúvida se NIC era alfabetizado (ele copia, com traço vacilante, mas não escreve espontaneamente nada além do próprio nome). No tocante à leitura, NIC afirma que reconhece apenas o próprio nome, mas participa (reclamando que está sem óculos) de atividades no grupo que envolvam a leitura de palavras. NIC mora numa cidade a 65 km de Santa Maria e vem sempre sozinho de ônibus/carona e caminha aproximadamente 3 km até o SAF. É divorciado, mas vive com a ex-esposa na mesma casa e tem um filho adulto que mora em outra cidade e que vê ocasionalmente.

Coletamos dados de *fala reduzida* espontânea realizada no âmbito do grupo, ou seja, de caráter dialógico. Os dados foram coletados ao longo de um ano, portanto são de caráter longitudinal. Como a proposta deste trabalho não é quantitativa, não contrastamos aqui a fala reduzida de NIC com a sua produção “normal” (leia-se: sentenças que apresentam SVO+adjuntos) e nos concentramos apenas em dados de fala em que se observa o que chamamos de *fala reduzida* (sentenças não-finitas, ou sejam sem verbo ou sem verbo conjugado, em ordem não-canônica, ou seja, construções de tópico-comentário).

## **Sobre agramatismo, fluência e fala reduzida**

Jakobson (1971) foi o primeiro a insistir que as afasias são uma perturbação da linguagem, e propôs critérios puramente linguísticos para descrever e classificar as afasias. Grande parte das marcas de agramatismo descritas por Jakobson estão relacionadas com o nível sintático da organização da língua. Este autor não trata, por exemplo, das classificações *fluente x não-fluente*. Segundo Novaes-Pinto:

Nos estudos discursivos das afasias que vimos realizando, a compreensão da fluência não é apartada das outras questões relativas às dificuldades dos afásicos. Em outras palavras, não temos um protocolo para avaliar ou categorizar/ classificar a fluência como um critério isolado. Buscamos compreendê-lo em relação às demais dificuldades observadas. (2012a, p. 126)

As reflexões de Novaes-Pinto são motivadas por Scarpa (1995), que rejeita uma dicotomia entre *fluência* e *não-fluência*, afirmando que a disfluência é constitutiva da linguagem e colocando os dois conceitos numa perspectiva de continuidade. O que diferencia a fala de sujeitos afásicos com agramatismo de sujeitos não-afásicos é a frequência de momentos não-fluentes na fala.

Não acreditamos que os sujeitos com agramatismo sejam, por definição, disfluentes. Usamos o critério da fluência para caracterizar a fala dos sujeitos com agramatismo como um critério relativo, usado em contraste com a fala fluente. Assim, um sujeito com agramatismo não é disfluente em absoluto, mas em relação a alguém com a fala fluente, porque a frequência com que aparecem disfluências é mais alta que na fala não-afásica. Igualmente não acreditamos que sujeitos com agramatismo tenham perdido sua língua materna ou parte dela. Entendemos o agramatismo como um distúrbio de processamento da linguagem, não como um déficit estrutural.

As práticas de aplicar testes padronizados que avaliam as capacidades linguísticas do falante (inclusive a de produzir certo número de palavras num período de tempo estabelecido, medida numa “escala de fluência”) e de localizar a lesão cerebral com base em imagens do cérebro e procurar por uma relação direta entre o local da lesão e a produção linguística do sujeito agramático, para depois classificá-lo, revelam uma concepção de língua relativamente estática por parte do pesquisador. Esta concepção de língua é criticada por autores como Novaes-Pinto e Kolk e colaboradores (desde 1985).

Por razões diversas, estes autores argumentam que as dificuldades do falante com agramatismo não são “uma janela direta” para a sua língua. Juntamente com Novaes-Pinto, não acreditamos que a língua seja representável através da concepção saussureana de sistema, mas como um *trabalho, atividade constitutiva quase estruturante, quase estrutura*, como é para Franchi (2011[1992]):

Pensamos que se tem privilegiado a linguagem (por sua aproximação às linguagens restritas dos sistemas formais) como instrumento de regularização e de normalidade, limitando-se a sua virtualidade, quando um dos aspectos (essencial) é o de prestar-se eficazmente à subversão das categorias e valores, à expressão da “esquizofrenia” que cria universos encantados, poemas, teorias. (p. 58-59)

E mais adiante:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal, salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que “dá forma” ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do “vivido”, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 2011[1992], p. 64)

Já Kolk e colaboradores (KOLK; VAN GRUNSVEN, 1985; KOLK; VAN GRUNSVEN; KEYSER, 1985; KOLK; HELING; KEYSER, 1990; KOLK; HEESCHEN, 1990; 1992; 1996; HAARMANN; KOLK, 1991a; 1991b; 1994; HOFSTEDE, 1992; KOLK; HOFSTEDE, 1994; KOLK, 1995; 2001a; 2001b; 2006; 2007) elaboraram a Teoria da Adaptação porque estão convencidos de que a fala do sujeito com agramatismo não é resultado do distúrbio linguístico, mas uma forma de o sujeito se adaptar às suas dificuldades linguísticas. A fala agramática não é, portanto, resultado direto da lesão cerebral, mas de uma solução encontrada pelo falante de se comunicar num tempo de fala aceitável para o interlocutor.

Neste aspecto, em que há uma aposta no sujeito ativo, responsivo e que se relaciona com a sua língua e seu distúrbio linguístico, acreditamos ser possível trazer a Teoria da Adaptação para a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. Se compreendemos a afasia como uma questão social (além de linguística, cognitiva e de saúde), faz sentido que apostemos numa teoria que postula que a linguagem do sujeito afásico é como é devido à interação com o outro, uma adaptação ao tempo do diálogo. Entendemos que as duas abordagens não são completamente congruentes, como veremos a seguir, mas há pontos de convergência possíveis, de modo que a Teoria da Adaptação pode iluminar processos específicos do agramatismo.

A Teoria da Adaptação formulou o problema do distúrbio linguístico do sujeito agramático através da hipótese da janela temporal (*Temporal Window Hypothesis*). Os trabalhos de Haarmann e Kolk (1991a; 1991b, 1994) e Kolk (1995) focam no distúrbio temporal de processamento, que basicamente consiste numa limitação de capacidade para preencher simultaneamente os espaços sintáticos de uma oração, ou seja, um distúrbio de natureza temporal no processamento da língua a ser falada. A capacidade de processar a língua a ser produzida é afetada de tal maneira que a informação ou é ativada tardiamente ou decai antes de ser encadeada com outras informações que possam fazer emergir uma fala inteligível para o interlocutor.

Para a Teoria da Adaptação, a fala agramática é o resultado de uma estratégia para evitar (*avoidance behaviour*) uma sobrecarga computacional (*computational overload*). Coordenar conteúdo informacional e forma sintática simultaneamente não funciona de

maneira adequada (dependendo do grau de severidade do agramatismo), portanto estruturas simplificadas são planejadas. Um denominador comum das sentenças simplificadas é que são não-finitas (*nonfinite*: ou sem verbo, ou sem marcas de flexão no verbo, o que em português significa predominantemente gerúndio e particípio, mas em holandês significa predominantemente infinitivo). A produção de estruturas simplificadas tem como efeito o uso de um tempo menor para a enunciação. Assim, as sentenças incompletas contrabalançam a disfluência.

Uma discípula de Kolk, Marina Ruiten, também fonoterapeuta, investiu na reabilitação *compensatória* (em contraponto com a *restauradora*) para que seus pacientes com agramatismo obtivessem sucesso comunicativo (transmissão de conteúdo com maior fluência) através do abuso (*overuse*) de elipses. Entendemos que, na reabilitação compensatória, métodos de socialização e negociação da significação estejam em jogo, ao passo que, na reabilitação restauradora, o alvo seja o sistema linguístico. Para executar a reabilitação, Ruiten aplicou a REST (*Reduced Syntax Therapy*), um programa terapêutico exequível em 16 semanas de Schlenck, Schlenck e Springer (1995) e Springer, Huber, Schlenck e Schlenck (2000) (apud RUITER, 2008). O principal foco da REST é fazer o sujeito com agramatismo gerar sentenças não-finitas. Ruiten (2008) discute as vantagens e desvantagens deste método terapêutico, já que ele implica em adaptações que o sujeito afásico precisa fazer às suas metas comunicativas (especialmente os que se esforçavam para produzir sentenças completas sentiam a face ameaçada ao falar “como estrangeiro ou como criança”) e à situação socioemocional do diálogo, como explicitado em Heeschen e Schegloff (1999).

Ruiten (2008) relata que todos os sujeitos que participaram da REST demonstraram ser capazes de aprender a se comunicar através de elipses, mas aponta para uma grande variação entre os sujeitos. De doze sujeitos, onze continuaram preferindo elipses após a terapia, ao passo que um sujeito apresentou um aumento significativo de sentenças completas durante e depois da terapia.

Pelo fato da Teoria da Adaptação não dar destaque à concepção de língua e de falante que adota (especialmente a relação do falante com a língua, com a afasia e com o interlocutor) e pelo fato de seus adeptos trabalharem com a aplicação de testes padronizados, contarem *omissões* e *substituições*, por exemplo, e lidarem com *elipses* e *fala telegráfica* de uma maneira meramente descritiva e pouco crítica, acreditamos que seja necessário explicitar os limites da adoção da Teoria da Adaptação neste trabalho. Adotamos a Teoria da Adaptação porque ela oferece uma visão do sujeito afásico enquanto sujeito ativo que adapta a sua fala à situação de fala, relaciona a fala agramática ao tempo de fala e prevê (ao invés de lamentar) uma sintaxe reduzida.

Entendemos que o uso do termo *eclipse* para descrever a fala de sujeitos com agramatismo poderia aludir a operações de apagamento de itens linguísticos, o que não acreditamos ser o caso na fala agramática. Igualmente não empregamos o termo *fala telegráfica* porque, de acordo com Kleppa (2008), a finitude do verbo, a ordem das palavras e as preposições examinadas tanto na fala de sujeitos com agramatismo quanto em telegramas (produzidos em situação de experimento com sujeitos não-afásicos) diferenciam os dois registros. Uma primeira barreira é imposta pela própria natureza dos dois registros: enquanto os telegramas são escritos, a linguagem agramática analisada aqui é falada. Os dois registros recorrem a estratégias comunicativas completamente diferentes, como, por exemplo,

a pontuação, os símbolos e assinaturas encontrados nos telegramas e as pausas, curvas entonacionais, qualidade de voz e os gestos faciais e corporais encontrados nos dados de agramatismo. Como apontado por Tesak e Dittmann (1991, p. 1133), que primeiramente se debruçaram sobre a diferenciação entre a fala agramática e os telegramas, a questão do tempo de produção também deve ser levada em consideração. Não é sabido quanto tempo os sujeitos precisam para escrever os telegramas, mas podemos contar o tempo que os sujeitos com agramatismo precisam para encontrar e articular as palavras, e quantos turnos lhe foram assaltados por seus interlocutores.

Outra disparidade entre os dois registros são as motivações para escrever telegramas e manter uma conversação. O gênero discursivo telegrama exige que se faça uso de elipses, já que sentenças completas custariam caro. Dessa maneira, é esperado que o telegrama seja elíptico. Em contrapartida, o sujeito agramático é um falante, e é esperado de falantes que produzam sentenças completas, não elípticas (exceto quando houver respostas diretas a perguntas do interlocutor, repetições de palavras, reformulações e marcas conversacionais).

Acreditamos que seja possível agrupar registros/ gêneros em que se observa um planejamento sintático simplificado que ocupa um espaço/ tempo diminuto sob a rubrica de *estilo reduzido*. Em Kleppa (2010) foi sugerido que:

[...] o termo *estilo reduzido* pode ser usado para descrever, por exemplo, manchetes de jornal, telegramas, fala agramática, receitas culinárias, *slogans*, *baby talk*, *foreigner talk*, *teacher talk*, os comentários do narrador de um jogo de futebol no momento em que a bola se aproxima do gol etc., ao passo que ‘fala telegráfica’ e ‘fala elíptica’ são inadequados, já que ambos pressupõem o apagamento de unidades linguísticas. (p. 107)

## Sobre a ordem das palavras

Quanto à ordenação de palavras, ponto de análise eleito neste trabalho, há autores que notam *problemas* com a ordem das palavras (cf. BASTIAANSE; VAN ZONNEVELD, 2005; BEEKE et al., 2007; CARAMAZZA; BERNDT, 1985; SIPLE, 2006; YIU; WORALL, 1996). Hagiwara e Caplan (1990) e Halliwell (2000) são os únicos autores que, contrastando com esta ordem de palavras *caótica* apontada pelos demais autores, afirmam que os sujeitos agramáticos por eles testados tendem a usar estruturas canônicas. Ainda podemos agrupar os autores que apenas mencionam que a sintaxe de sujeitos agramáticos é reduzida, simplificada, “telegráfica”: Bastiaanse e Van Zonneveld, 2005; Beeke et al., 2007; Caramazza e Berndt, 1985; De Roo et al., 2003; De Villiers, 1974; Halliwell, 2000; Menn, 1990; Menn e Obler, 1990 e Ouhalla, 1993.

Botelho (2010) parte do princípio de que a ordem SVO+adjuntos é tida como canônica para a língua portuguesa, porque se toma como referência a escrita. Na oralidade, outras configurações se mostram tão “naturais” como a ordem SVO+ adjuntos. O que determina diferentes ordenações de palavras na sentença, segundo o autor, é, por exemplo, a natureza do verbo (transitivo direto/ intransitivo/ verbos sem sujeito), ou a pretensão estilística do falante.

Conforme já discutido em Kleppa (2008, 2009, 2010), a língua portuguesa oferece uma forma alternativa de arranjar os elementos de uma sentença: construções de

tópico (CTs). Essas construções chamam atenção principalmente quando a preposição que faria a integração entre o tópico e o comentário é apagada. Como exemplo, podemos lembrar as palavras de ordem entoadas durante as Jornadas de Junho de 2013, registradas em reportagem de Mário Magalhães (2013): “A massa gritou, desprezando a preposição: ‘A Copa, a Copa, a Copa eu abro mão, eu quero mais dinheiro pra saúde e educação!’”. A partir do momento em que esta construção foi registrada pela imprensa escrita, a preposição foi acrescentada à sentença nos jornais – e nas ruas.

A estrutura de tópico-comentário tem ganhado visibilidade na literatura sobre linguística em língua portuguesa a partir de Pontes (1987) e está paulatinamente ganhando sua devida atenção, como podemos notar no trabalho de Belford (2006), que partiu do pressuposto de que as CTs são abundantes na oralidade. Existem diversos padrões de estruturas de tópico-comentário, como foi apontado por diversos autores. Os gerativistas, em especial, tratam do movimento de *topicalização*, portanto de “deslocamento à esquerda”, movimento que não endossamos aqui. Segundo Botelho (2010), o deslocamento à esquerda dá espaço ao surgimento do pronome-cópia – que não aparece nos nossos dados de fala reduzida.

De modo geral, o tópico (assunto sobre o qual se quer falar: *aboutness*) é anunciado na posição de tema – depois de uma separação prosódica, indicada nos dados pelas reticências – e o comentário é alocado na posição de rema, de informação nova sobre aquele assunto anunciado no tópico. Construções de tópico-comentário são comuns em língua portuguesa, mas não são utilizadas com frequência significativa pelos indivíduos falantes de língua portuguesa. Na fala reduzida produzida por NIC, a estrutura de tópico-comentário é usada com frequência expressiva. Exemplos são:

- (1) **Porto Alegre!** ... só um irmão (coletado em 15/02/2013)
- (2) **O Anderson?** Domingo ... mas é::: um minuto (coletado em 26/07/2013)

Segundo Jacobs (2001), a principal característica de tal estrutura é a separação formal entre o tópico e o comentário. No episódio (1), pode-se observar a pausa (marcada pelas reticências) entre o tópico e o comentário e no episódio (2) pode-se perceber a mudança na curva entonacional (marcada pelo ponto de interrogação) que separa o tópico do comentário. Estes dois episódios são exemplos de fala reduzida: são não-finitos porque não há verbos.

Qualquer elemento linguístico pode figurar como tópico (nos episódios acima, temos sintagmas nominais, no episódio (4) teremos um advérbio), e assim os graus de integração sintática do tópico com o comentário são variáveis. Num extremo de mínima integração sintática, a relação entre o tópico e o comentário precisa ser feita pela via semântica/ pragmática/ discursiva:

A análise dessas construções tópicas nos coloca inevitavelmente no nível do discurso. A interpretação semântica do tópico depende do contexto do discurso ou do contexto pragmático. Forçosamente, sente-se a necessidade de ultrapassar os limites de uma análise estreitamente sintática. (PONTES, 1987, p. 40)

Este tipo de construção em que não há relações sintáticas explícitas entre o tópico e o comentário é chamado de *hanging topic* por autores como Jacobs (2001) e Maslova



e Bernini (2006). Esta é uma estrutura produtiva na fala de NIC, como vimos nos episódios (1) e (2), em que ele conta que tem um irmão em Porto Alegre e que viu o filho no domingo por pouco tempo.

Nos episódios a seguir, veremos construções mais complexas:

- (3) NIC **eu:... doze ano...** pra coi... pra coisa assim:... é... barbaridade  
**conhecia na-da na-da na-da na-da**  
 Ibp Não lembrava... não conseguia falar  
 NIC Nada nada nada nada nada era... não sei eu:... é... bom eu era que... é... **uma dor de cabeça**  
**CIN-CO A-NO** (coletado em 24/08/2012)

No dado (3), observamos, no primeiro enunciado de NIC, na posição de tópico, o pronome pessoal **eu**. O interlocutor entende que é sobre este assunto que NIC vai falar. O que ele tem a dizer sobre si é que ficou afásico **doze anos** atrás e que teve grandes dificuldades: **conhecia nada, nada, nada, nada**. Neste sentido, podemos entender que **eu** funciona como tópico de **doze ano** e **eu doze ano** funciona como tópico de **conhecia nada, nada, nada, nada**. Não há integração sintática entre o tópico e o comentário (seja ele o sintagma adjacente ou todo o enunciado seguinte). A interlocutora compreendeu e deu o acabamento ao enunciado de NIC. Já no segundo enunciado de NIC neste mesmo dado, temos o sintagma nominal **uma dor de cabeça** funcionando como tópico do comentário **cinco ano**. Igualmente não há marcas de concordância/ regência (não há verbos) que garantam a integração sintática entre o tópico e o comentário e podemos observar a separação prosódica entre o tópico e o comentário nos dois enunciados: a pausa entre **eu** e o comentário e os falsos começos e hesitações entre o tópico e comentário no primeiro enunciado e a intensidade marcadamente mais forte e estacada do comentário **CIN-CO A-NO** no segundo enunciado.

É de se notar que a própria estrutura dos *hanging topics* é facilitadora da fala reduzida, porque os elementos (preposição, verbo auxiliar, cópula) que ligariam o tópico ao comentário estão ausentes. Em dado coletado em 03/08/2012, NIC e a interlocutora conversam sobre as novidades da semana, que incluem o aumento de um dígito nos números de telefone em São Paulo:

- (4) NIC **ontem?**  
 Invef ãh  
 NIC é, **ontem ... lá ... foi ...** (coloca o indicador na testa) **dígito ... MAIS**  
 Invef aumentou mais um dígito  
 NIC é  
 Invef pra::: cidade de São Paulo, num é isso?

No dado (4), NIC situa seu discurso no tempo através do tópico **ontem**. A curva entonacional transcrita por meio do sinal de interrogação evidencia a separação do tópico do comentário e a checagem da interlocutora. A interlocutora de NIC demonstra que está acompanhando o discurso de NIC através de uma interjeição e NIC repete seu tópico. Depois de uma pausa, enuncia o comentário: **lá foi dígito mais**. A interlocutora reformula o enunciado de NIC dando-lhe o acabamento, com o qual NIC concorda.

Não acreditamos que nas CTs de NIC ocorra um movimento de elementos (objeto movido para a esquerda, assumindo a posição de sujeito), uma simples inversão de

elementos da sentença ou mesmo apagamento de elementos, porque, segunda a Teoria da Adaptação, justamente operações deste tipo são complicadas para sujeitos cérebro-lesados que têm dificuldade de realizar computações sintáticas simultâneas.

Acreditamos que o sujeito afásico mobiliza estratégias que a língua materna lhe oferece – mas, diferente dos não-afásicos, recorre a estas estratégias com maior frequência que os não-afásicos. Assim, a fala reduzida de NIC, além de apresentar marcas de não-finitude, apresenta-se numa ordem não-canônica, mas possível em língua portuguesa.

### **Porque faz parte, não porque falta**

Vimos, neste artigo, que, do ponto de vista da neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, o sujeito falante não perde sua linguagem depois do episódio neurológico. Não se trata de ter ou perder, recuperar ou readquirir a linguagem, porque não se trata de absolutos. O afásico tem a linguagem afetada por contraste consigo mesmo antes da lesão e por contraste com os outros falantes. O que a terapia faz com o sujeito afásico é tentar trazê-lo de volta à sua relação com a linguagem.

Sujeitos afásicos com agramatismo são tradicionalmente descritos como apresentando “fala telegráfica” e não-fluente. Neste artigo, procuramos submeter à crítica e substituir os termos *elipse* e *fala telegráfica* por *fala reduzida*. Uma das características da fala reduzida é a não-finitude, outra é a ordem não-canônica (SVO+adjuntos). Vimos, neste artigo, que construções de tópico são possíveis em língua portuguesa e são frequentes na fala de um sujeito com agramatismo. Vimos também que a não-fluência é constitutiva da fluência, e que o que destaca o sujeito com agramatismo nesse quesito é a frequência com que ele se apresenta disfluente. Nas palavras de Morato (2010):

[...] o mundo da linguagem afásica não é uma excrescência em relação ao mundo da linguagem possível, o mundo da linguagem cotidiana (preenche, por sua vez, de vários elementos ditos afásicos ou “desviantes”: dificuldades de encontrar palavras, neologismos, repetições, frases incompletas, pausas, titubeios, hesitações, lapsos, digressões, perífrases, presença abundante de dêiticos verbais e não verbais, circunlóquios, anacolutos, ambiguidades, presença expressiva de semioses não verbais, reformulações constantes etc.). Na verdade, encontramos nas afasias fenômenos também muito recorrentes na produção da língua falada. (p. 15)

Segundo a Teoria da Adaptação, o sujeito com agramatismo adapta a sua fala ao tempo do diálogo. Para não sobrecarregar o interlocutor com pausas e reformulações, ele planeja uma fala simplificada que seja comunicativa. Assim, as estruturas de tópico-comentário acabam por mascarar a disfluência.

Por fim, se os sujeitos agramáticos holandeses descritos por Kolk apresentavam muitos verbos no infinitivo em sua fala reduzida e os sujeitos agramáticos brasileiros descritos em Kleppa (2008, 2009, 2010) apresentavam muitos verbos no gerúndio, então é porque cada sujeito recorria às estratégias oferecidas pela sua língua materna, não porque deixavam de conjugar verbos. Assim, podemos interpretar que a fala agramática de NIC apresenta as características descritas aqui porque as estruturas de tópico fazem parte da língua materna do falante.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. O enunciado, a unidade da comunicação verbal. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 289-327.
- BASTIAANSE, R.; VAN ZONNEVELD, R. Sentence production with verbs of alternating transitivity in agrammatic Broca's aphasia. *Journal of Neurolinguistics*, n. 18, p. 57-66, 2005.
- BEEKE, S.; WILKINSON, R.; MAXIM, J. Grammar without sentence structure: A conversation analytic investigation of agrammatism. *Aphasiology*, n. 21, p. 256-282, 2007.
- BELFORD, E. M. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- BOTELHO, J. M. A ordem dos termos em português e a topicalização. *Revista Philologus*, ano 16, n. 47, p. 45-61, 2010.
- CARAMAZZA, A.; BERNDT, R. S. A multicomponent deficit view of agrammatic Broca's aphasia. In: KEAN, M. L. (Ed.) *Agrammatism*. Academic Press, Inc., 1985. p. 27-64.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso*. Discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. São Paulo: Martins Fontes, 1996[1988].
- DE ROO, E.; KOLK, H.; HOFSTEDE, B. Structural properties of syntactically reduced speech: a comparison of normal speakers and Broca's aphasics. *Brain and Language*, n. 86, p. 99-116, 2003.
- DE VILLIERS, J. Quantitative aspects of agrammatism in aphasia. *Cortex*, v. 10, p. 36-54, 1974.
- FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. In: FRANCHI, E.; FIORIN, J. L. (Org.) *Linguagem atividade constitutiva: teoria e poesia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011[1992]. p. 33-74.
- HAARMANN, H. J.; KOLK, H. H. J. On-line sensitivity to subject-verb agreement violations in Broca's aphasics: the role of syntactic complexity and time. *Brain and Language*, n. 46, 1994. p. 493-517.
- \_\_\_\_\_. A computer model of the temporal course of agrammatic sentence understanding: the effects of variation in severity and sentence complexity. *Cognitive Science*, v. 15, p. 49-87, 1991a.
- \_\_\_\_\_. Syntactic priming in Broca's aphasics: evidence for slow activation. *Aphasiology*, n. 5, p. 247-263, 1991b.

HAGIWARA, H.; CAPLAN, D. Syntactic comprehension in Japanese aphasics: effects of category and thematic role order. *Brain and Language*, n. 38, p. 159-171, 1990.

HALLIWELL, J. F. Korean agrammatic production. *Aphasiology*, n. 14, p. 1187-1205, 2000.

HEESCHEN, C.; SCHEGLOFF, E. A. Agrammatism, adaptation theory, conversation analysis: on the role of so-called telegraphic style in talk-in-interaction. *Aphasiology*, n. 13, p. 365-405, 1999.

HOFSTEDDE, B. T. M. *Agrammatic speech in Broca's aphasia: strategic choice for the elliptical register*. Doctoral dissertation, University of Nijmegen, The Netherlands, 1992.

JACOBS, J. The dimensions of topic-comment. *Linguistics*, n. 39, p. 641-681, 2001.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 43-62.

KLEPPA, L. “Estilo reduzido” em sujeitos agramáticos, não-afásicos, telegramas e manchetes. *Revista Lael em (Dis-)curso*, São Paulo, v. 2, p. 93-108, 2010.

\_\_\_\_\_. Fala reduzida em sujeitos afásicos e outros registros. *Estudos Linguísticos*, v. 38, n. 2, p. 249-258, 2009.

\_\_\_\_\_. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente”*. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/Unicamp, Campinas, 2008.

KOLK, H. Variability is the hallmark of aphasic behaviour: Grammatical behaviour is no exception. *Brain and Language*, v. 101, p. 99-102, 2007.

\_\_\_\_\_. How language adapts to the brain: an analysis of agrammatic aphasia. In: PROGOVAC, L. *et al.* (Eds.) *The syntax of nonsententials*. John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 229-258. (Linguistik Aktuell, n. 93)

\_\_\_\_\_. Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis. *Brain and Language*, 77, p. 340-351, 2001b.

\_\_\_\_\_. Syntactic impairment is the bottleneck to communication in nonfluent aphasia. *Aphasiology*, 15, p. 381-385, 2001a.

\_\_\_\_\_. A time-based approach to agrammatic production. *Brain and Language*, n. 50, p. 282-304, 1995.

KOLK, H.; HEESCHEN, C. The malleability of agrammatic symptoms: a reply to Hesketh and Bishop. *Aphasiology*, n. 10, p. 81-96, 1996.

\_\_\_\_\_. Agrammatism, paragrammatism and the management of language. *Language and Cognitive Processes*, n. 7, p. 89-129, 1992.

\_\_\_\_\_. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia. *Aphasiology*, n. 4, p. 221-232, 1990.

KOLK, H.; HELING, G.; KEYSER, A. Agrammatism in Dutch: two case studies. In: MENN, L.; OBLER, L. K. (Ed.) *Agrammatic aphasia*. John Benjamins Publishing Company, 1990.

KOLK, H.; HOFSTEDDE, B. T. M. The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker. *Brain and Language*, n. 47, p. 505-507, 1994.

KOLK, H.; VAN GRUNSVEN, M. J. F. Agrammatism as a variable phenomenon. *Cognitive Neuropsychology*, n. 2, p. 347-384, 1985.

KOLK, H.; VAN GRUNSVEN M.; KEYSER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: KEAN, M. L. (Org.) *Agrammatism*. London: Academic Press, Inc., 1985. p. 165-206.

LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

MAGALHÃES, M. *A passeata dos mais de 100 mil, um enigma tão complexo quanto coração de andorinha*. Blog do Mário Magalhães, 18.06.2013. Disponível em: <<http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2013/06/18/reportagem-a-passeata-dos-mais-de-100-mil-um-enigma-cao-complexo-quanto-coracao-de-andorinha/>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

MASLOVA, E.; BERNINI, G. Sentence topics in the languages of Europe and beyond. *Pragmatic Organization of Discourse in the Languages of Europe*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter, v. 8, p. 67-12, 2006.

MENN, L. Agrammatism in English: Two case studies. In: MENN, L.; OBLER, L. K. (Ed.) *Agrammatic aphasia: a cross-language narrative sourcebook*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990. p. 117-178.

MENN, L.; OBLER, L. K. *Agrammatic aphasia: A cross-language narrative sourcebook*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

MORATO, E. M. (Org.) *Sobre as afasias e os afásicos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

MORATO, E. M. Introdução. In: MORATO, E. M. (Org.) *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-21.

NOVAES-PINTO, R. C. O conceito de fluência no estudo das afasias. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 1, p. 117-134, 2012a.

\_\_\_\_\_. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje*, v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012b.

\_\_\_\_\_. Avaliação de compreensão de linguagem: análise de resultados obtidos em baterias de testes neuropsicológicos *versus* análise discursiva de episódios dialógicos. *Veredas on line*, n. 1, p. 17-29, 2007.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009.

OUHALLA, J. Functional categories, agrammatism and language acquisition. *Linguistische Berichte*, v. 143, p. 3-36, 1993.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes, 1987.

RUITER, M. *Speaking in ellipses*. The effect of a compensatory style of speech on functional communication in chronic agrammatism. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – NICI/ Radboud Universiteit, Nijmegen, Países Baixos, 2008.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 29, p. 163-184, 1995.

SIPLE, P. Nonsententials and agrammatism In: PROGOVAC, L. *et al.* (Eds.) *The syntax of nonsententials*. Linguistik Aktuell, 93. John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 259-282.

TESAK, J.; DITTMANN, J. Telegraphic style in normals and aphasics. *Linguistics*, v. 29, p. 1111-1137, 1991.

YIU, E. M.-L.; WORALL, L. E. Agrammatic production: a cross-linguistic comparison of English and Cantonese. *Aphasiology*, n. 10, p. 623-649, 1996.